



O NATURALISMO DE EUCLIDES DA CUNHA: CIÊNCIA, EVOLUCIONISMO E RAÇA EM *OS SERTÕES*¹

Vanderlei Sebastião de Souza*
Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz
vanderleidesouza@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo trata das concepções naturalistas presentes na narrativa literária de Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Embora essa obra seja mais frequentemente associada ao pré-modernismo, meu interesse consiste em demonstrar que seu autor está imerso nas interpretações que marcaram o naturalismo literário do último quartel do século XIX, de modo que a experiência social é apreendida por Euclides da Cunha a partir de uma forte dependência em relação aos fatores biológicos ou ecológicos. Deste modo, considerando que ciência, natureza e sociedade aparecem como elementos imbricados ao longo das páginas de *Os Sertões*, o objetivo central deste trabalho é analisar em que termos o naturalismo, as teorias evolucionistas e as idéias raciais são acionadas por Euclides da Cunha em sua interpretação sobre a formação nacional brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Euclides da Cunha – Naturalismo – Ciência – Evolucionismo – Raça.

ABSTRACT: This article discusses the conceptions naturalists in the literary narrative of Euclides da Cunha in *Os Sertões*. Although this book is most often associated with the pre-modernism, my interest is demonstrate that its author is immersed in interpretations that marked the naturalism in the last quarter of the nineteenth century, so that social experience is perceived by Euclides da Cunha from a strong dependence for biological or environmental factors. Thus, considering that science, nature and society appear as elements inter-related in the pages of *Os Sertões*, the central objective of this study is to analyze how the naturalism, evolutionary theories and the racial ideas are used by Euclides da Cunha to understand the brazilian national formation.

KEYWORDS: Euclides da Cunha – Naturalism – Science – Evolutionism – Race.

No dia 7 de agosto de 1897, o engenheiro-militar Euclides da Cunha (1866-1909) deixa a cidade do Rio de Janeiro rumo aos sertões da Bahia para acompanhar, como correspondente do Jornal **O Estado de São Paulo**, o desenrolar da Guerra de

¹ Este trabalho é resultado das discussões suscitadas durante o curso **Leituras naturalistas: evolucionismo, saúde e sociedade**, realizado no segundo semestre de 2008 no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, ministrado pelos professores Drs. Luiz Antonio Teixeira e Ricardo Waizbort, a quem agradeço pelas sugestões de leituras e pelas idéias discutidas ao longo do curso.

* Doutorando em História das Ciências – Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz.

Canudos, um trágico conflito que levaria a morte de quase 5 mil soldados e de mais de 25 mil sertanejos seguidores de Antonio Conselheiro. A repercussão dos fatos pela imprensa do centro do país, durante quase um ano, entre 1896 e 1897, foi de tal modo intensa que pôs em polvorosa tanto o exército quanto o recém instaurado regime republicano. De maneira geral, a imprensa divulgava a Revolta de Canudos como uma campanha monarquista deflagrada contra a República, o que justificava a mobilização do Estado, do Exército e de setores influentes da elite brasileira².

A viagem de Euclides ao epicentro dessa tragédia, embora por apenas 16 dias, mudaria radicalmente a sua trajetória e, porque não dizer, a própria história da literatura brasileira. A experiência dessa viagem se completaria cinco anos mais tarde, quando Euclides da Cunha, um engenheiro militar desconhecido no mundo das letras, lançara **Os Sertões**, sua narrativa sobre a epopéia de Canudos³. Apesar das incertezas e do temor em relação à ferocidade da crítica, especialmente àquela que poderia vir dos cafés e livrarias da Rua do Ouvidor, o livro alcançaria sucesso quase imediato, sendo recebido com louvores pelos principais críticos da época, como Araripe Júnior, José Veríssimo e Silvio Romero. Os atributos para a consagração de **Os Sertões**, no ponto de vista destes críticos, encontravam-se, de um lado, no compromisso nacionalista de Euclides com a descrição da realidade sertaneja e, por outro, no domínio dos modernos métodos científicos e na conjugação exemplar da ciência com a literatura⁴.

De fato, como apontou Regina Abreu, o livro de Euclides da Cunha se tornaria um divisor de águas no realismo literário brasileiro, o símbolo exemplar de uma proposta de literatura científica⁵. Pode-se dizer que em **Os Sertões**, a literatura é dominada pela ciência sem deixar de ser literatura, enquanto a imaginação artística,

² ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco/ Funarte, 1998; SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

³ Vale lembrar que **Os Sertões** foi escrito a partir de uma série de artigos que Euclides da Cunha publicou durante o ano de 1897 na imprensa paulista e carioca, resultados de seu trabalho como jornalista correspondente. Intitulado de **A Nossa Vendéia**, estes artigos tratavam da guerra de Canudos e lançavam uma comparação entre o movimento de Canudos e o movimento da Vendéia (ocorrido na França após a revolução de 1789), que arregimentou camponeses fiéis à monarquia e contrário a revolução e à república francesa (ABREU, Regina. **O enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Rocco/ Funarte, 1998, p. 107).

⁴ ABREU, Regina. O livro que abalou o Brasil: a consagração de **Os Sertões** na virada do século. Rio de Janeiro. **Revista Manguinhos – História, Ciências, Saúde**, vol. 5, suplemento, p. 101-102, jul./ago. 1998.

⁵ *Ibid.*, p. 110.

apoiada no gênero narrativo das grandes epopéias, ganha as formas da objetividade científica e da busca por leis gerais de funcionamento do mundo. Para Roberto Ventura, a narrativa literária de Euclides também incorporou e dialogou com a tradição dos relatos de viagem e das expedições científicas, dando expressão artística e científica ao universo natural e social observado⁶. Neste sentido, embora Euclides adentre o sertão nordestino como jornalista e militar, é o cientista que se impõe com vigor no momento de descrição da natureza, do homem e do cenário que compõe a vida e a luta no sertão. Fortemente apoiado sobre as teorias científicas da época, as páginas de **Os Sertões** procuram desvendar os enigmas da natureza agreste do sertão e a sua força na formação da psicologia do homem sertanejo.

Embora Euclides da Cunha seja mais freqüentemente associado ao movimento pré-modernista, na medida em que emerge de sua narrativa uma forte crítica à realidade brasileira, sua obra pode ser associada à literatura naturalista do final do século XIX. O movimento naturalista, como é sabido, tinha como característica principal uma íntima ligação com o cientificismo positivista de August Comte e uma forte crença segundo a qual o mundo social poderia ser explicado a partir das forças da natureza. De acordo com o escritor francês Emile Zola (1840-1902), um dos fundadores do romance naturalista, seria possível criar leis gerais de compreensão dos fenômenos humanos do mesmo modo que o médico e fisiologista Claude Bernard (1813-1878) aplicou o método experimental ao estudo da fisiologia⁷. O literato francês, autor do célebre **Germinal** (1883), entendia que a literatura deveria trabalhar com as condutas, as paixões e os fatos humanos e sociais com o mesmo rigor que o químico e o físico trabalham com os corpos brutos, ou de maneira semelhante ao fisiologista, que lida com os corpos vivos. Em suas palavras, “há um determinismo absoluto para todos os fenômenos humanos”,

⁶ VENTURA, Roberto. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: **Revista Manguinhos** – História, Ciências, Saúde –, vol. 5, suplemento, p. 136, 1998.

⁷ O experimentalismo de Claude Bernard, desenvolvido em sua **Introdução ao Estudo da Medicina Experimental**, publicado em 1865, procurou definir um método estritamente científico para o estudo da fisiologia médica, considerada por muitos daquele período como uma expressão da arte e não da ciência. Tendo em vista que o romance era apreendido eminentemente como ficção artística, Emile Zola entendia, inspirado no objetivismo científico de August Comte e do próprio Claude Bernard, que era possível criar um romance científico capaz de controlar o universo intelectual e emocional dos homens a partir da compreensão das leis gerais que o determina. Zola afirma que após a demonstração de Claude Bernard de que leis fixas regem o corpo humano, “pode-se anunciar, sem medo de errar, a hora em que as leis do pensamento e das paixões serão por sua vez formuladas. Um mesmo mecanismo deve reger a pedra dos caminhos e o cérebro do homem” (ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p. 40).

de modo que “é a investigação científica, é o raciocínio experimental que combate, uma por uma, as hipóteses dos idealistas, e substitui os romances de pura imaginação pelos romances de observação e de experimentação”.⁸

Esse modo de fazer literatura encontrou adeptos também na tradição literária brasileira, dos quais podemos destacar Aluisio Azevedo, Raul Pompéia, Julio Ribeiro, Inglês de Souza e Adolfo Caminha. Para os brasileiros dessa geração, além da influência de Emile Zola, o escritor português Eça de Queiroz foi uma figura central na divulgação do naturalismo, enfatizando sempre o princípio do máximo de realidade com o mínimo de ficção⁹. Euclides da Cunha, inclusive, de acordo com o historiador Nicolau Sevcenko, confessa literalmente a força dos ensinamentos de Eça de Queiroz, uma vez que **Os Sertões** abdicaria de toda ficção que envolvesse a imaginação de enredo literários tradicionais, fazendo com que os embates entre as potências naturais e as realidades sociais monopolizassem as suas páginas¹⁰.

Assim como Emile Zola, ou mesmo Eça de Queiroz, Euclides da Cunha concebia a ciência como um todo indivisível, regido por leis idênticas em seus vários ramos. O autor de **Os Sertões**, como bem apontou Regina Abreu,

atribuía clara predominância à matemática e idealizava uma ciência natural, positiva, baseada em experimentações que levariam a formação de leis gerais. Desse modo, o estudo da sociedade deveria seguir as mesmas leis que orientavam o estudo da química ou da matemática.¹¹

Em certa medida, é possível dizer que **Os Sertões** realiza de forma modal as ambições da literatura naturalista. De um lado, como já argumentamos, sua narrativa captura a experiência humana exibindo a sua dependência em relação aos fatores biológicos ou ecológicos e, por outro, consegue transformar essa experiência, observada pela angular da ciência, em artifício eminentemente literário. Portanto, considerando que ciência, natureza e sociedade aparecem como elementos imbricados na visão de mundo euclidiana, o objetivo deste artigo consiste em compreender de que modo o

⁸ ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982 [1880], p. 41.

⁹ SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 200.

¹⁰ Ibid., p. 200-201.

¹¹ ABREU, Regina. O livro que abalou o Brasil: a consagração de **Os Sertões** na virada do século. Rio de Janeiro. **Revista Manguinhos – História, Ciências, Saúde**, vol. 5, suplemento, p. 80, jul./ago. 1998.

cientificismo, as teorias evolucionistas e a questão racial são empregadas pelo realismo naturalista de **Os Sertões**, “o livro que abalou o Brasil” e revolucionou a literatura de início do século XX¹².

“Viver é adaptar-se”: o evolucionismo social de Euclides da Cunha

Educado na tradição positivista da Escola Militar de Engenharia do Rio de Janeiro e integrante da geração de 1870, Euclides da Cunha teve uma formação fortemente orientada pelas ciências naturais, nas quais predominavam as teorias evolucionistas, o positivismo e o darwinismo social. Assim como muitos de sua geração, Euclides foi um ávido leitor e admirador de Darwin, Spencer, Comte, Haeckel, Taine, Gumpowicz e Buckle, (re)apropriando-se de muitas das concepções naturalistas formuladas por estes autores para pensar a realidade nacional¹³. A adesão dos escritores brasileiros a estas grandes teorias não apenas os colocava, do ponto de vista de suas identidades intelectuais, em pé de igualdade com os europeus, como também se apresentavam como um instrumento de intervenção para modernizar o país. Vale lembrar que com o advento da República e seus ideais progressistas e civilizatórios, o discurso científico transformou-se em palavra de ordem tanto no meio intelectual quanto em determinados setores das elites brasileiras¹⁴.

Preocupados com os caminhos futuros do país, o evolucionismo social deste período acabou alimentando, nos intelectuais brasileiros, a crença na teleologia da evolução, na qual o progresso seria o caminho necessário. De maneira geral, mantendo cada qual as suas especificidades, as teorias evolucionistas partiam do princípio de que todos os sistemas naturais e sociais seriam regidos pela lei do progresso orgânico, segundo a qual todos os sistemas seriam conduzidos no sentido da evolução do mais simples ao mais complexo e, ao mesmo tempo, de uma crescente diferenciação de órgãos e funções. De outro lado, e como desdobramento dessas premissas, os evolucionistas sociais afirmavam que a vida humana e a experiência social poderiam ser

¹² Cf. ABREU, Regina. O livro que abalou o Brasil: a consagração de **Os Sertões** na virada do século. Rio de Janeiro. **Revista Manguinhos** – História, Ciências, Saúde, vol.5, suplemento, p. 80, jul./ ago 1998.

¹³ Ibid.

¹⁴ SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

estudadas a partir da formulação de leis naturais, do mesmo modo que se procedia ao estudo do reino animal e vegetal¹⁵.

Dividido em três partes – **a Terra, o Homem e a Luta** –, **Os Sertões** é fortemente uma inspiração dessas grandes teorias científicas que orientaram as ciências naturais na passagem do século XIX para o XX. O debate sobre a relação do homem com a natureza e a luta pela sobrevivência, temas que atravessam a narrativa de Euclides de início ao fim, é fundante de uma série de concepções que alimentaram o evolucionismo e o darwinismo social deste período. Do mesmo modo que Hippolyte Taine (1828-1896), para quem o tripé “raça”, “meio” e “momento” seriam fundamentais para identificar as qualidades definidoras da identidade dos grupos raciais, Euclides da Cunha procurava compreender o estado evolutivo e a influência do meio físico no processo de adaptação do homem sertanejo ao ambiente. Empregando os pressupostos de Taine como uma referência central em sua literatura naturalista, importava ao autor de **Os Sertões** identificar as características biológicas, a compleição física, os caracteres morais e intelectuais e os atavismos dos sertanejos, assim como a formação de uma raça singular que erigia à margem da nação e da República. Além disso, o historiador francês forneceu a Euclides, conforme acredita Roberto Ventura, uma concepção naturalista de base científica para buscar a correspondência poética entre os fatos narrados e a paisagem à sua volta¹⁶. Na verdade, os pressupostos de Taine¹⁷ haviam contagiado de tal modo a geração de Euclides da Cunha, como é possível perceber em Araripe Júnior e Capistrano de Abreu, que seu esquema – “meio, raça e momento” - havia se transformado numa receita trivial de como escrever a história de um povo ou de uma nação¹⁸.

¹⁵ VENTURA, Roberto. **Estilo tropical**: História cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1991; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

¹⁶ Id. Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: **Revista Manguinhos** – História, Ciências, Saúde –, vol. 5, suplemento, p. 137, 1998.

¹⁷ Aplicando o princípio da unidade de todos os fenômenos, Taine acreditava que, assim como no estudo da natureza do reino animal e vegetal, seria possível identificar as qualidades definidoras (*facultes maitresses*) da identidade dos grupos humanos. De acordo com Luciana Murari “a identidade a qual alude o historiador francês seria determinada, em primeiro lugar, pela raça, entendida como um conjunto de disposições naturais, tanto físicas quanto intelectuais e morais, modificáveis dentro de certos limites bastante estreitos”, sobretudo pela ação do meio e pelas condições históricas que configuram o mundo moral dos povos estudados (MURARI, Luciana. **Brasil, Ficção Geográfica**: ciência e nacionalidade no país dos Sertões. São Paulo: Anna Blume, 2007, p. 37).

¹⁸ Id. **Tudo o mais é paisagem**: representação da natureza na cultura. Tese. (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 90.

Ao adentrar o Sertão da Bahia, Euclides tinha como preocupação inicial descrever aos leitores do jornal **O Estado de São Paulo** o desenrolar da Guerra de Canudos e as motivações que levaram milhares de sertanejos a seguir Antonio Conselheiro numa suposta “cruzada” contra a República. Entretanto, o que mais fortemente mobilizou a sua curiosidade foi a “extrema aridez e a exuberância extrema” do meio natural onde vivia “rudimentarmente” uma “sub-raça sertaneja”. Era a vida do homem sertanejo e o seu estágio de evolução que primeiro chamou a sua atenção. Logo na nota preliminar que abre as páginas de **Os Sertões**, Euclides explica que seu objetivo foi esboçar, “ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”, uma vez que devido à instabilidade e às vicissitudes de sua formação, aliada à “deplorável situação mental em que jazem”, estão destinadas ao desaparecimento próximo. Diante das exigências crescentes da civilização e da concorrência material imposta pela imigração, Euclides previa que “o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. [...] Retardatário hoje, amanhã se extinguirão de todo”. E numa rompanse inspiração darwinista social, profetiza: “a civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável ‘força motriz da história’ que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”.¹⁹

A referência de Euclides ao sociólogo polonês Ludwig Gumplowicz (1838-1909), logo na apresentação de seu livro, não pode deixar de ser relevante. A obra de Gumplowicz tornou-se polêmica na Europa por apresentar um forte argumento em favor do darwinismo social, o qual aplicava os princípios da evolução e da seleção natural à esfera social, definindo diferenças e hierarquias raciais fundadas em leis da natureza. Seu principal livro **Der Rassenkampf** (*Struggle of the races*, na tradução inglesa), publicado em 1883, argumentava que o desenvolvimento social aumentaria o conflito entre as raças e entre os Estados Nacionais, de modo que a “raça superior” (mais bem adaptada ao meio) tenderia a dominar a mais fraca. Entretanto, Gumplowicz compreendia que seria incorreto atribuir aos povos nacionais uma única origem racial, uma vez que eram frutos da luta de diferentes raças. O sociólogo acreditava que ao longo do processo de contato com o meio físico - o verdadeiro “cimento da unidade”

¹⁹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. XI.

étnica - é que se formaria uma raça histórica, coesa na identidade de sangue e de valores culturais comuns²⁰.

Inspirado nos pressupostos de Gumplowicz, mas também de Taine, Euclides compreendia que o meio físico era o elemento decisivo na formação do sertanejo. Sua gênese remetia ao final do século XVI e início do XVII, quando a expansão dos bandeirantes paulistas e dos jesuítas rumo ao norte do Brasil originou a miscigenação do elemento indígena com o português aventureiro. Já de início, a natureza teria exercido, através do Rio São Francisco, uma função primordial na formação daquele povo. Segundo Euclides, abrindo-se aos exploradores como longas estradas, “levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um “unificador étnico”, longo traço de união entre as duas sociedades que se não conheciam”.²¹ Isolados no sertão, inteiramente divorciados do resto do Brasil, “murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais”, viria-se formar uma “raça de caribocas” perfeitamente adaptada àquele ambiente. O meio que os atraía e os guardava, explica Euclides, fora aos poucos traçando a “evolução do caráter” do sertanejo, “caldeando a índole aventureira do colono e a impulsividade do indígena” e modificando os hábitos de acordo com as novas exigências daquele meio²². Essa “raça forte” e de “caracteres bem definidos”, nas palavras firmes de Euclides, provaria “inegavelmente um expressivo exemplo do quanto importam as reações do meio” na formação do homem²³.

Apesar da aridez e da vida dura do agreste sertão bahiano, da luta constante do homem com o meio, Euclides não deixaria de notar uma harmonia na convivência do sertanejo com a natureza. Essa harmonia, entretanto, se explicava pelo modo obstinado com que o jagunço, o tabaréu, o tapuia sertanejo, se relacionavam com àquele ambiente, na medida em que, para Euclides, “viver é adaptar-se”.²⁴ Montando no lombo de um pequeno cavalo, vestido com sua roupa rústica, de couro curtido, de alpercatas, com chapéu de abas largas, o sertanejo se encontrava, nos dizeres de Euclides da Cunha,

²⁰ MURARI, Luciana. **Brasil, Ficção Geográfica**: ciência e nacionalidade no país dos Sertões. São Paulo: Anna Blume, 2007, p. 115-117.

²¹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 86.

²² Ibid., p. 89.

²³ Ibid., p. 90.

²⁴ Ibid., p. 106.

preparado para enfrentar a dura vida pastoril das caatingas, das coivaras de espinhos ou das barrancas de ribeirões²⁵. Não havia como persegui-los, ou vencê-los, em meio a uma natureza que os criou a sua imagem e semelhança. E durante o conflito de Canudos, na luta contra o bem armado exército republicano, Euclides destaca que a mesma natureza que lhes serviu de trincheira para se defender da pesada munição que os milhares de soldados desferiam contra os sertanejos, emprestava-lhes a carga para suas rudes espingardas de pederneiras, com a pólvora retirada do salitre das cavernas e os grãos de quartzos duríssimos retirados das beiras do São Francisco, servindo-lhes como poderosos projeteis naturais²⁶.

Disposto a provar que nem mesmo o clima intenso do sertão atrapalhava a adaptação vibrátil do sertanejo ao meio, Euclides se opunha aos “exageros de Buckle”, para quem o clima tropical do Brasil era considerado altamente degenerativo. A filosofia da história escrita por Henry Buckle (1821-1862) em seu clássico **História da civilização inglesa**, traduzido para o português em 1900, teve uma ampla recepção entre os escritores brasileiros da geração de 1870²⁷. Seguindo os princípios de Comte, Buckle procurou indentificar as leis que regulam o processo histórico, encontrando no determinismo climático a explicação para essas leis. A idéia básica do autor inglês é resumida na afirmação de que nos climas temperados, como em grande parte da Europa, a civilização se impunha sobre a natureza, enquanto nos climas tropicais, onde o meio causava sérios prejuízos à vida intelectual e orgânica, o homem sucumbia perante a força tirânica da natureza, inferiorizando a raça e impossibilitando o desenvolvimento de qualquer forma de civilização²⁸.

Embora encontrasse no autor inglês “páginas notáveis”, Euclides argumentava que o clima brasileiro não poderia ser visto, segundo imaginava àquele, como uniforme. No modo de pensar do autor de **Os Sertões**, “um clima é como que a tradução fisiológica de uma condição geográfica”, podendo variar de acordo com as diferentes regiões do país²⁹. No sertão do norte, por exemplo, “o nosso sertanejo faz exceção à

²⁵ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 102.

²⁶ Ibid., p. 273.

²⁷ SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 45.

²⁸ MURARI, Luciana. **Tudo o mais é paisagem**: representação da natureza na cultura. Tese. (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, p. 140.

²⁹ CUNHA, 1952, op. cit., p. 64.

regra” formulada por Henry Buckle, para quem o homem jamais se afeiçoa às calamidades naturais que o rodeiam³⁰. Adaptado aquele clima, o sertanejo de Euclides se torna um forte capaz de bravuras estóicas sempre que as condições assim exigirem.

Entretanto, em relação ao clima tropical da região amazônica, Euclides faz coro ao determinismo de Buckle. Nessa região, especialmente da faixa marítima do norte até o Mato Grosso, Euclides argumenta que o clima quente e úmido tem um efeito degenerativo grande sobre a vida fisiológica e mental do homem, originando “patologias *sui-generis* e franco parasitismo”.³¹ Em meio assim,

a seleção natural [...] opera-se a custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral”. Inspirado fortemente nas concepções deterministas e no darwinismo social, Euclides argumenta que “a aclimação [na região amazônica] traduz uma evolução regressiva. O tipo depercece num esvaecimento contínuo, que se lhe transmite à descendência até a extinção total”.

Assim como o inglês habitante da Tasmânia ou da Austrália, explica Euclides, o português no Amazonas degenera profundamente ao longo de algumas gerações, sendo dominado pela “raça inferior”, que “aliada ao meio vence-o, esmaga-o, anula-o na concorrência formidável ao impaludismo, ao hepatismo, às pirexias esgotantes, às canículas abrasadoras, e aos alagadiços maleitosos”.³²

Mas o mesmo não acontecia, segundo Euclides, na região do Brasil central e em “todos os lugares do sul”, onde o clima é saudável ao desenvolvimento de culturas superiores. Mesmo na maior parte do sertão setentrional, onde o calor seco é corrigido pelos fortes ventos do leste, “origina disposições mais animadoras e tem ação estimulante e mais benéfica”.³³ Para o autor, o clima e o meio típico do sertão atraíram e acolheram o aventureiro bandeirante do sul, que, de encontro com o índio tapuia, absorveu-o numa miscigenação que facilitou a sua adaptação àquela vida agreste e pastoril. Esse avanço que ocorreu em direção ao sertão só não se precipitou no sentido

³⁰ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 117.

³¹ Ibid., p. 71.

³² Ibid., p. 72.

³³ Ibid.

norte porque, lá, segundo Euclides, o colono encontrava uma natureza adversa que o blindava de todas as energias físicas e mentais³⁴.

RETRÓGRADOS, MAS NÃO DEGENERADOS

Adaptados ao meio e entregues à vida pastoril, Euclides explica que os mamelucos do sertão divorciaram-se inteiramente das gentes do sul e da colonização intensa do litoral, adquirindo uma fisionomia e hábitos de tal modo diferentes que se criaram como se fossem de um país diverso. Em seu ponto de vista, esse isolamento os teria colocado numa condição evolutiva de mais de três séculos de atraso em relação ao mundo civilizado. Limitado pela estreita exigência do meio, a natureza teria lhe estampado um temperamento rude e retardado o aperfeiçoamento psíquico de tal modo que “o sertanejo não tem, por bem dizer, ainda capacidade orgânica para se afeiçoar a situação mais alta”. Informado pelo evolucionismo comteano, Euclides compreendia que o sertanejo se encontrava numa fase de evolução típica do homem da idade média, onde predominava um “misticismo extravagante”, “superstições absurdas” e “estágios emocionais” semelhante ao dos selvagens³⁵. Ao explicar a religiosidade da rústica sociedade sertaneja, Euclides afirmava: “despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encaçavam, doidos, o Miguelinho ou o Bandarra. Nem lhe falta, para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador, nos sertões do Norte”.³⁶ Para Euclides, era natural que as populações sertanejas permanecessem com a mentalidade estagnada num apertado círculo de mais de três séculos, guardando intacta as tradições do passado, visto seu total alheamento em relação aos destinos da civilização³⁷.

Interessante observar que, na compreensão do autor de **Os Sertões**, o encontro do bandeirante português com o indígena do norte resultou na formação de uma cultura híbrida, mas submetida ao modo de vida da “raça” melhor adaptada ao meio. Na luta entre estas “raças”, predominou, nos dizeres de Euclides, os “elementos inferiores”, na medida em que o ajustamento destes ao ambiente era mais adequado. Para sobreviver ao

³⁴ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 77.

³⁵ Ibid., p. 122.

³⁶ Ibid., p. 124.

³⁷ Ibid., p. 122.

sertão, Euclides entende que o bandeirante incorporou não apenas o “sangue selvagem”, mas o seu modo de vida e a sua intimidade com o meio físico. Nesse processo, a miscigenação não deprimiu o organismo da “sub-raça” em formação; ao contrário, a enrijeceu de forma potente. Segundo Euclides, de modo oposto ao que aconteceu no processo de miscigenação do litoral, a fusão que gerou o mameluco contou com o benefício do meio. De outro lado, “o fator étnico preeminente” típico do bandeirante português, “portador de valores civilizados superiores”, não conseguiu impor a civilização àquela “sub-raça”.³⁸ Vivendo à margem da cultura ocidental, portanto, o sertanejo é descrito por Euclides como um selvagem alheio aos destinos da sociedade civilizada.

Neste sentido, Euclides compreendia que se do ponto de vista da evolução mental o homem sertanejo encontrava-se estacionado, de outro lado a sua evolução física havia possibilitado o surgimento de um tipo forte, autônomo e original. Isolados da civilização, Euclides chega à conclusão de que o seu abandono teve função benéfica: “libertou-os da adaptação penosíssima a um estágio social superior, e, simultaneamente, evitou que descambassem para as aberrações e vícios dos meios adiantados”, como Euclides acreditava ter ocorrido no litoral do Brasil. As vicissitudes históricas teriam libertado a “sub-raça” sertaneja “das exigências desproporcionadas de uma cultura de empréstimo”.³⁹

Portanto, bem constituído fisicamente, o sertanejo “é um retrógrado; não é um degenerado”. Em páginas brilhantes de **Os Sertões**, Euclides explica que, num primeiro lance de vista, a aparência do sertanejo é “desengonçada e desgraçada”, um Hércules-Quasímodo, cuja “fealdade” reflete o aspecto típico dos “fracos”. Seu andar sem firmeza e sua postura abatida dão a impressão de um homem fatigado e dominado pela preguiça. Entretanto, toda essa aparência ilude, declara firmemente Euclides. Mediante ao aparecimento de qualquer incidente que exija seu empenho, como o estouro de uma boiada, seu aspecto físico muda e o “homem transfigura-se” de forma brilhante. Com o corpo firmemente alinhado e a cabeça levantada sobre os fortes ombros, “a figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade

³⁸ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 99.

³⁹ Ibid.

extraordinárias”.⁴⁰ Sob o lombo dos pequenos cavalos do sertão, mas resistentes e rápidos como poucos, o vaqueiro preguiçoso na aparência se transforma num cavaleiro campeão, capaz de superar todas as adversidades da natureza agreste.

Resistente e bem adaptado ao meio, Euclides conclui, com uma de suas frases mais conhecidas, que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”.⁴¹ Boa parte das páginas que compõem **Os Sertões** é justamente empregada para destacar essa afirmação. A longa narrativa sobre a luta do sertanejo e sua brava resistência contra as investidas do exército brasileiro, muito melhor municiado que aquele, é a melhor prova disso. Além do mais, a própria narrativa descrevendo a relação do homem com a natureza deve também ser ressaltada. A crença de Euclides no naturalismo e, ao mesmo tempo, no darwinismo social, para quem a boa adaptação ao meio seria decisivo na formação de uma raça histórica saudável, o sertanejo emergia como o melhor representante do homem brasileiro. De norte a sul do Brasil, tanto por meio da figura heróica do sertanejo quanto do estancieiro gaúcho do sul, o homem do interior é descrito por Euclides como os melhores exemplos de “sub-raças” em formação. Fixados em meios opostos, ambos são filhos da natureza. Enquanto o primeiro é o resultado da luta com o meio rude e árido do sertão, o segundo é filho dos pampas, “adaptado a uma natureza carinhosa”, onde a luta pela vida não assume o mesmo caráter selvagem ao qual se expõe o vaqueiro sertanejo⁴². Embora para Euclides o gaúcho do sul seja mais atraente nos gestos e na índole, o “jagunço” do sertão “é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro”.⁴³

O ATAVISMO DE ANTONIO CONSELHEIRO

Se para Euclides o sertanejo é visto como um forte, como o titã representante de uma “sub-raça” em formação, o mesmo não pode ser dito de Antonio Conselheiro. Embora a natureza e o próprio sertanejo estejam no centro da narrativa euclidiana, é o líder espiritual dos sertanejos que emerge como a personagem principal. O homem que mobilizou milhares de fiéis numa luta religiosa e política contra a República, é descrito

⁴⁰ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 102.

⁴¹ Ibid., p. 101.

⁴² Ibid., p. 103.

⁴³ Ibid., p. 106.

ao longo das páginas de **Os Sertões** como um tipo paranóico, um degenerado produzido pelas “taras hereditárias” e pelas circunstâncias do meio físico e da vida social.

A sedução de Euclides por compreender a mentalidade de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro, o faz reconstituir a sua turbulenta história. Filho de um caixeiro viajante, “um homem irascível mas de excelente caráter”, foi educado de forma “honrada”, o que o teria isolado, ao menos por um bom tempo, dos conflitos e crimes no qual a família Maciel esteve envolvida por algumas gerações. Depois da morte do pai, em 1855, assumiu de forma abnegada a responsabilidade de cuidar das três irmãs, até que estas se cassassem. Mais tarde, de acordo com a narrativa de Euclides, o casamento com uma mulher de “péssima índole” o conduziria a uma “existência dramática” e “desequilibrada”. Anos depois, é abandonado pela esposa, que assume o relacionamento com seu amante, um policial militar. Mentalmente perturbado, Antonio Vicente Maciel acaba por cometer um crime contra um parente, do qual é condenado. Foge da prisão e desaparece em direção ao sul, rumo ao sertão, onde passa a viver o resto de sua vida⁴⁴. Anos mais tarde, é visto no sertão da Bahia como um “anacoreta sombrio, cabelos crescidos até os ombros, barba inculta e longa; face escaveirada, olhar fulgurante; monstruosos, dentro de um hábito azul de brim americano; abordado ao clássico bastão em que se apóia o passo tardo dos peregrinos [...]”.⁴⁵ Perambulando por várias regiões do sertão, é reconhecido como um evangelizador, na incansável vida de rezas e de pregações às multidões. Capaz de mover os sentimentos religiosos mais profundo da população sertaneja, é reconhecido como um santo, responsável por uma série de milagres⁴⁶. Em poucos anos, Antonio Conselheiros reúne milhares de fiéis de todos os cantos, conduzindo-os ao Arraial de Canudos.

Na interpretação de Euclides, as desgraças da vida teriam levado Antonio Conselheiro as fronteiras da loucura, “nessa zona mental onde se confundem facínoras e heróis, reformadores brilhantes e aleijões tacanhos, e se acotovelam gênios e degenerados”.⁴⁷ Aqui, Euclides emprega o argumento do psiquiatra inglês Henry Maudsley (1835-1918), autor de obras bastante conhecidas, como **The Patology of**

⁴⁴ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 140-142.

⁴⁵ Ibid., p. 142.

⁴⁶ Ibid., p. 145.

⁴⁷ Ibid., p. 134.

Mind e Responsibility in Mental Disease, para dizer que a consciência do Conselheiro oscilava em torno dessa posição média entre o bom senso e a insanidade⁴⁸. Tendo recalçado toda a sua “tara hereditária” por meio de uma educação vigorosa, “a sua nevrose explodiria na revolta”, especialmente após um casamento mal fadado e a traição imposta por sua mulher. Como é típico na literatura naturalista, o principal responsável pelo desencadeamento da desordem mental do Conselheiro é sua própria esposa, cuja infidelidade o leva ao crime e a loucura.

Segundo Euclides da Cunha, essa abrupta mudança de comportamento pela qual passou o Conselheiro,

um caso notável de degenerescência intelectual”, possibilitaria sua regressão mental ao estágio místico e selvagem no qual vivia o sertanejo do norte. A sua “consciência delirante” absorveria perfeitamente as “crenças ingênuas”, o “fetichismo bárbaro” e todas “as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja⁴⁹”.

Essa identificação com a vida mental dos sertanejos, de acordo com Euclides, era de tal modo harmônica que o Conselheiro era aclamado como o representante natural das mais altas aspirações daquele povo.

Euclides argumenta que assim como um geólogo, que interpreta os estratos rochosos antigos em busca da formação de montanhas extintas, os historiadores do futuro só poderão avaliar aquele homem considerando “a psicologia da sociedade que o criou”. Isolado, explica Euclides, “ele se perde na turba dos nevróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, é uma síntese”.⁵⁰ Além disso, sob a inspiração do evolucionismo de August Comte, que postulava a existência de diferentes estágios evolutivos, Euclides explica que os estudos antropológicos poderiam revelar a condição mental de Antonio Conselheiro de acordo com o estágio evolucionário da sociedade sertaneja.

Neste sentido, o autor de **Os Sertões** entende que o comportamento do Conselheiro não deslizou para a “demência” extrema, para o “completo obscurantismo da razão”, na medida que o meio o amparou, corrigindo seu “desvario”. Embora aos

⁴⁸ BERNUCCI, Leopoldo. Cientificismo e aporias em Os Sertões. In: BERNUCCI, Leopoldo (Org). **Discurso, Ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: Edusp, 2008, p. 27.

⁴⁹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 132.

⁵⁰ Ibid., p. 131-132.

olhos da sociedade civilizada Antonio Conselheiro possa ser apresentado como um típico degenerado, doente e desequilibrado, quando posto frente a sociedade que o acolheu no sertão, sua condição mental é saudável. Apoiando-se no pensamento psiquiátrico italiano de Tanzi e Riva, Euclides conclui que ao caso de Antonio Conselheiro deve ser aplicado o “conceito de paranóia”, visto como um “documento raro de atavismo”.⁵¹ Aqui, a “paranóia” não é vista como uma doença, mas simplesmente como uma regressão intelectual ao estágio primitivo do comportamento humano, onde os valores civilizacionais são desconhecidos.

Ao final do livro, após narrar o trágico desfecho da luta entre o exército e os sertanejos, Euclides destaca o empenho dos militares em recuperar o corpo do Conselheiro, já enterrado pelos seus seguidores. Ao encontrá-lo numa cova rasa, preparada com a última força que restava aos sertanejos, seu corpo ainda estava envolto daquele manto azul de brim americano e seu rosto magro ainda mantinha a barba longa e rala que passara a usar após suas andanças pelos sertões. Nas palavras de Euclides, o corpo do Conselheiro transformou-se numa “dádiva preciosa” para o exército republicano - “único prêmio, únicos despojos de tal guerra”, mas a comprovação de que, afinal, a extinção daquele “terribilíssimo antagonista” era real. Uma parte especial do seu corpo, a cabeça, foi cuidadosamente cortada e levada para o litoral, onde, nos dizeres de Euclides, “deliravam multidões em festa”. Seu crânio foi exumado e entregue para que “a ciência dissesse a última palavra” sobre a loucura daquele homem⁵². Segundo o autor de *Os Sertões*, “ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura [...]”.⁵³

“UM PARÊNTESES IRRITANTE”: O DILEMA DA MISCIGENAÇÃO

⁵¹ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 132-133.

⁵² Ricardo Ventura Santos lembra que o crânio de Antonio Conselheiro foi enviado, após o final da guerra de Canudos, para Salvador, onde seria estudado pelo médico e antropólogo bahiano Raimundo Nina Rodrigues, professor da Faculdade de Medicina daquele estado. Curiosamente, após a morte do próprio Euclides da Cunha, em 1909, o mesmo iria ocorrer com o seu crânio, enviado para a análise antropológico pelos cientistas do Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde ficou sob os cuidados do médico e antropólogo Edgard Roquette-Pinto (SANTOS, Ricardo Ventura. A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século XX: Os sertões e a medicina-antropologia do Museu Nacional. Rio de Janeiro: **Revista Manguinhos** – História, Ciências, Saúde, vol. 5, jan./jul.1998, p. 238).

⁵³ CUNHA, 1952, op. cit., p. 542.

O debate sobre a miscigenação racial é sem dúvida um dos temas mais polêmicos na obra de Euclides da Cunha, assim como foi para muitos de sua geração. Na virada do século, pensar na questão racial e no futuro do Brasil significava lidar com os dilemas que a miscigenação invariavelmente apontavam. De maneira geral, as teorias raciais elaboradas pelos cientistas europeus condenavam o mestiço como um degenerado absoluto, destacando o caso brasileiro como exemplar do malefício que a mistura de raças poderia representar para o futuro de uma nação⁵⁴. Sustentado por muitas destas concepções deterministas, o realismo naturalista de Euclides da Cunha emerge como um tratado contra o “mestiço brasileiro” do litoral, fruto da união entre o homem africano e o europeu.

Entretanto, em relação à miscigenação que gerou o sertanejo do norte, é preciso fazer um ressalva. Como vimos anteriormente, embora o sertanejo tenha sido originado da miscigenação entre o homem branco e o indígena do norte, este é descrito como uma “sub-raça” forte e bem constituída. Para Euclides, a “fusão racial” que gerou o mameluco foi mais homogênea que a do litoral e, além disso, contou com o consórcio do meio, que ao invés de deprimir fortaleceu a sua vida orgânica⁵⁵.

De acordo com o autor de **Os Sertões**, “ante as conclusões do evolucionismo”, a miscigenação muito diversa representa um retrocesso, visto que os caracteres das “raças inferiores” despontam sempre vivos no elemento mestiço, tornando-o, “quase sempre, um desequilibrado”. Fruto da união entre forças opostas, o “mestiço” é descrito por Euclides da Cunha não como um intermediário, mas como um “decaído”, não possuindo “a energia física dos ascendentes selvagens”, nem a “altitude dos ancestrais superiores”. Seu caráter híbrido destacaria “as fatalidades das leis biológicas”, como a infecundidade, a incapacidade intelectual e a fragilidade física típica das “raças inferiores”.⁵⁶ Na lógica darwinista social de Euclides da Cunha, tal qual Spencer ou Gumplowicz, o mestiço não participou da “concorrência admirável dos povos”, nessa

⁵⁴ SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2001; SANTOS, Ricardo Ventura. Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: Debates em Antropologia Física no Brasil (1870-1930). In: PENNA, Sérgio D. J. (Org.). **Homo Brasilis**: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro. São Paulo: Funpec, 2002, p. 113-129.

⁵⁵ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 99.

⁵⁶ Ibid., p. 96-97.

“luta sem tréguas” pela sobrevivência, na qual a seleção capitaliza atributos conservados pela hereditariedade. O mestiço, concluiu Euclides, “não lutou; não é uma integração de esforços; é alguma coisa de dispersivo e dissolvente”.⁵⁷

No litoral, a “mestiçagem embaralhada” encontrou no meio um elemento a mais para o seu retrocesso evolutivo. De acordo com Euclides, uma vez que o mestiço é intelectualmente um desequilibrado, este sofreria de uma “sobrecarga intelectual e moral de uma civilização” a qual ele, evolutivamente, jamais poderia suportar. Dito de outra maneira, Euclides compreende que o mestiço é evolutivamente imaturo para incorporar os valores superiores da civilização, de tal modo que sua relação com esse meio mais adiantado e complexo só poderia levá-lo ao desajuste mental e moral. O autor chega a afirmar que a luta entre as raças e o extermínio da “raça inferior” pela “superior” não necessitaria da guerra; “é que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização”.⁵⁸

Como vimos, processo contrário teria ocorrido no sertão, onde o isolamento impediu que a civilização viesse a desestruturar a “evolução natural” do homem sertanejo, que, bem adaptado ao seu meio, não foi perturbado em seu “estágio primitivo” de evolução. Para o autor de **Os Sertões**, enquanto o sertanejo aguardava o seu “desenvolvimento moral ulterior” e a incorporação lenta ao mundo civilizado, o mestiço do litoral sucumbia em degeneração, vencido pelas leis da seleção natural e pela força da civilização.

Assim como o evolucionista inglês Herbert Spencer (1820-1903), Euclides da Cunha concebia o processo de evolução orgânica baseado na passagem das formas mais simples e homogêneas para as mais complexas, desde que eventos externos não interrompessem esse processo. Era deste modo que a própria evolução humana era por Euclides imaginada. De um lado, o sertanejo que vivia em seu estágio primitivo de vida (forma simples ou homogênea) tenderia a alcançar a evolução e o progresso, acessando ao longo do processo evolutivo as formas complexas ou heterogêneas de vida; de outro lado, o “mestiço neurastênico do litoral”, onde forças externas e a própria constituição biológica impediam esse processo evolutivo natural, tendia a extinção. Aliás, deve-se destacar que **Os Sertões**, como um todo, é pensado numa compreensão evolutiva

⁵⁷ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 97.

⁵⁸ Ibid., p. 98-99.

fortemente influenciada pelo darwinismo social de Spencer, que considerava a “sobrevivência do mais apto” como a lei fundamental da evolução humana⁵⁹.

De acordo com o autor de **Os Sertões**, a “complexidade do nosso problema etnológico” ainda é uma questão que “desafiara o esforço dos melhores espíritos”.⁶⁰ As discussões sobre a origem das “raças mestiças” e a formação do “tipo racial” representativo do brasileiro ainda seriam multiformes e dúbias. Em sua opinião, o principal motivo de confusões nestes assuntos devia-se ao fato das investigações se reduzirem à busca por “um tipo étnico único, quando há, certo, muitos”. E conclui: “não temos unidade de raças. Não a teremos, talvez, nunca”. O futuro predestina o Brasil “à formação de uma raça histórica em futuro remoto”. Confiante na fórmula spenceriana, Euclides assinala que “a nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos”⁶¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora Euclides afirme literalmente que o Brasil não tem unidade de raça e, talvez, jamais venha a ter, é certo também que o sertanejo é eleito como o elemento sintetizador do homem brasileiro. O mameluco do norte, como aparece em algumas passagens de **Os Sertões**, é descrito como o “cerne da nossa nacionalidade”. O próprio Euclides, em edições posteriores, procurou explicar essa contradição. Segundo ele, o Brasil não tem, de fato, unidade de raça, mas a “sub-raça sertaneja” vai sem dúvida ganhando “maior uniformidade de caracteres físicos e morais”. Em suas palavras,

neste composto indefinível – o brasileiro – encontrei alguma coisa que é estável, um ponto de resistência recordando a molécula integrante das cristalizações iniciadas. E era natural que [...] eu visse naqueles rijos caboclos o núcleo de força da nossa constituição futura, a rocha viva da nossa raça⁶².

Contrariando a visão de grande parte dos homens letrados da virada do século, Euclides concebia a população do interior como sedimentos básicos da nação. Eram os

⁵⁹ REZENDE, Maria José de. Os Sertões e os (des)caminhos da mudança social no Brasil. **Tempo Social** (Revista de Sociologia da USP), São Paulo, 13(2), p. 201-226, 2001; MURARI, Luciana. **Tudo o mais é paisagem**: representação da natureza na cultura. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

⁶⁰ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 59.

⁶¹ Ibid., p. 63.

⁶² Ibid., p. 546-547. (nota V).

sertanejos, os caboclos, os jagunços, os gaúchos, os caipiras que melhor se afeiçoavam a terra por meio de uma adaptação natural. Esse consórcio entre o homem e a natureza era assumido por Euclides como um modelo político, científico e social alternativo que possibilitava fugir das falácias do cosmopolitismo, essa espécie de regime de idéias que fazia, nos dizeres do autor, da nossa civilização uma cultura de empréstimo, que nos colocava como emigrados em nossa própria terra (idem: 181). Esse cosmopolitismo das elites, resumido numa adoração incondicional aos costumes e as idéias vindas da Europa, precisaria ser substituído por um sentimento nacional calcado no desenvolvimento de uma originalidade nativa⁶³. Valorizar o homem do interior como o “cerne da nacionalidade”, significava buscar aquilo que era mais original na formação brasileira.

De certo modo, pode-se dizer que Euclides retoma o argumento indianista e romântico, procurando no homem nativo a essência da nacionalidade. Apesar do seu realismo naturalista ser crítico das idealizações românticas, Euclides não fugiu da influência de autores como José de Alencar (1829-1877) e Victor Hugo (1802-1885). Do primeiro, o autor de **Os Sertões** assume o projeto regionalista e indianista, como é possível perceber nos painéis abrangentes em que são descritos os tipos regionais brasileiros; de Victor Hugo, autor de um romance sobre a rebelião da Vendéia, Euclides retira toda a força de sua narrativa literária e a conciliação entre ficção e ciência⁶⁴. Como ressaltou Nicolau Sevcenko, Euclides não deixou de possuir em si

os dois mundos que se negavam um ao outro, que só poderia sobre-existir um à custa da morte do outro. Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: o século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista.⁶⁵

A despeito da influência que Euclides possa ter recebido dos literatos românticos, seu contato etnográfico com o mundo sertanejo e com a natureza ruidosa do sertão ajudou a desconstruir os esteriótipos do complexo ideológico que fundou o

⁶³ SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 122.

⁶⁴ LIMA, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. **Revista Manguinhos** – História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro, vol. 5, suplemento, 1998, p. 163-194, p. 171; LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Revan/ IUPERJ, 1999, p. 58.

⁶⁵ SEVCENKO, 1999, op. cit., p. 133.

pensamento romântico e o imaginário das elites brasileiras do século XIX⁶⁶. Vale destacar que essa visão romântica foi um elemento essencial, nos dizeres de José Murilo de Carvalho⁶⁷, para a construção de uma ordem nacional durante o regime monárquico, do qual, inclusive, Euclides foi um forte opositor. Como representante da geração de 1870, Euclides trazia consigo os novos tempos inaugurados pela República, especialmente os ideais de modernização e reforma do Estado e da própria sociedade. Vale ressaltar que ainda como estudante da Escola Militar de Engenharia, na qual ingressou em 1886, incorporou com toda a força a campanha pela abolição e pela República⁶⁸.

Entretanto, na passagem do século XIX para o XX, Euclides progressivamente abandona a militância republicana, descrente com os rumos que a classe política vinha impondo ao novo regime. Nas páginas de **Os Sertões** as críticas contra a República são radicais, “quer pelo militarismo dos primeiros governos, quer pelo liberalismo artificial de uma Constituição que as elites civis violentavam por meio de fraudes e manipulações eleitorais”.⁶⁹ Mas a principal denúncia era mesmo contra o autoritarismo militar e político, como ele próprio presenciou durante o ataque do exército contra os sertanejos. Para Euclides, o genocídio cometido em Canudos em nome do regime republicano era injustificável. A ação do exército foi tão equivocada que acabou por “entalhar o cerne de uma nacionalidade”, atacando “a fundo a rocha viva da nossa raça”.⁷⁰

Por tudo isso, **Os Sertões** deve ser visto como uma obra que foi escrita tanto pela imaginação literária e científica quanto pelo envolvimento político do seu autor, uma marca de sua geração. O grande esforço da literatura naturalista de Euclides foi compreender a força da natureza e dos embates sociais presentes no processo evolutivo humano e, ao mesmo tempo, descrever os caminhos da formação nacional e da construção da identidade brasileira. De um lado, o cientificismo positivista e o

⁶⁶ VALENTE, Luiz Fernando. Entre Clío e Calíope: a construção da narrativa histórica em *Os Sertões*. **Revista Manguinhos** – História, Ciências, Saúde, Rio de Janeiro, vol. 5, suplemento, 1998, p. 50.

⁶⁷ CARVALHO, José Murilo. **A Construção da Ordem** – Teatro de Sombras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁶⁸ KROPF, Simone P.. Manoel Bomfim e Euclides da Cunha: vozes dissonantes aos horizontes do progresso. **Revista Manguinhos** – História, Ciências Saúde, vol. 3, n. 1, 1996, p. 80-98; VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, vol.10, n. 26, p. 275-291, jan./apr.1996.

⁶⁹ VENTURA, Roberto. **Estilo tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991, p. 281.

⁷⁰ CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 22 ed., 1952, p. 529.

evolucionismo de Euclides produziram amarras fortemente deterministas, como o darwinismo social e o racismo científico, sobretudo em relação as tristes páginas de condenação ao homem mestiço do litoral; de outro, no entanto, esse mesmo instrumental serviu para identificar o sertanejo como um símbolo heróico da nacionalidade.

O naturalismo cientificista de **Os Sertões**, sustentado especialmente no darwinismo social de Spencer, permitiu ainda que Euclides afirmasse que a evolução biológica do Brasil carecia da evolução social, apostando na força seletora da civilização e do progresso como o caminho natural da evolução brasileira. Embora **Os Sertões** possa ser descrito como uma interpretação que fundou o pensamento sociológico brasileiro⁷¹, deve-se destacar, como lembrou Nicolau Sevcenko⁷², que em Euclides há uma “crença verdadeiramente animista nas leis imponderáveis da natureza”, de tal modo que os personagens centrais de sua narrativa literária nada mais são do que os próprios agentes naturais, dotados de vontades próprias, disposições e objetivos definidos.



www.revistafenix.pro.br

⁷¹ LIMA, Luiz Costa. **Terra ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

⁷² SEVCENKO, Nicolau. **A Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 31.